



Os últimos meses não têm sido fáceis para ninguém. Desde o começo de 2019, uma sensação de desesperança constante está presente em nosso dia-a-dia. Para nós, trabalhadores da área da cultura, o sentimento parece ser ainda maior e pior. O desmonte, os desempregos e a desvalorização do campo, mais uma vez aterram as nossas esperanças e desejos. A pandemia de Covid-19, além de prejudicar a nossa saúde física, mental e emocional, tornou-se mais um acirramento em nossas vidas. Nesse sentido, questionamo-nos como e onde podemos buscar forças para enfrentar um momento tão sombrio como esse, onde todos os setores se encontram em crise. Mais do que nunca se faz necessário redobrarmos os cuidados.

Recentemente, a carta aberta (*Open Letter to Museums and Galleries in support of education and other essential workers*) foi direcionada aos museus e galerias de arte a fim de solicitar que, ao invés da demissão das equipes de educativos, ocorresse uma conversa para se pensar juntos como reinventar ações e atividades. Os funcionários de um educativo são a base mais próxima do público e provavelmente uma das mais desvalorizadas do trabalho museal. Cabe a nós questionar: foi necessária a chegada de uma pandemia para repensar as atividades desenvolvidas pelos museus? Tais estão sendo adaptadas ao isolamento social ou se trata de um novo projeto? O quanto os museus se apropriam das mídias sociais e da internet para se aproximar dos diversos públicos? O que faz um museu ser acessível? As instituições precisam se recriar e tal demanda não vem de ontem.

Cabe aqui lembrarmos que uma questão não anula a outra: uma considerável parcela da população não possui acesso a internet, mas outra sim. O que os museus propõe para essa parcela? O que oferecemos para os jovens no mundo da tecnologia? Aqui ponderamos uma autocrítica: **não pensamos**. Nós que trabalhamos, ou trabalhávamos, em órgãos de cultura não fizemos nada até então. Não paramos para refletir sobre isso. A *Revista Desvio* é um projeto voluntário, não remunerado, ou seja, nossa fonte de renda provém de outros trabalhos, como museus, centro culturais e escolas. Agora temos que correr para garantir nossas contas pagas, nosso alimento e nossa saúde. O capitalismo não terá pena de nenhum de nós, o massacre é certo.

Na realidade, tanta coisa nos atropelam diariamente que não conseguimos um tempo nem para pensar em nossas atividades cotidianas, quem dirá em novas atividades para o mundo digital. Mais uma vez, o capitalismo nos condena a uma situação torturante. Não temos uma solução imediata, apenas o trabalho coletivo e luta nos levará para fora deste desespero, mas estamos realizando essa prática? Sabemos se os nossos colegas estão bem? Empregados? Conseguindo se alimentar? Se ainda possuem um teto para morar? Esses são questionamentos que todos deveriam se fazer ao menos uma vez.

Através da *Revista Desvio* tentamos construir uma rede de afetos e cuidados. Colegas que já publicaram aqui enviam novamente os seus projetos para serem avaliados e caso aprovados, publicados. Construímos uma história de oportunidades, fundada unicamente nessa rede de afetos, através dos diversos voluntários. Muitos pesquisadores, agora em programas de pós-graduação, começaram a divulgar suas pesquisas conosco. Nascermos de um interesse mútuo, **ser uma revista acadêmica de graduandos para graduandos**. Crescemos muito nesses últimos 4 anos, os responsáveis por iniciar o periódico se encontram agora em Programas de Pós-Graduação, lutando tanto pela manutenção desse espaço para os seus sucessores, como pela sua própria sobrevivência no mundo.

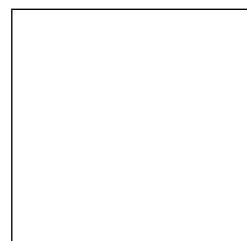
Nesse momento de desesperança, a *Revista Desvio* é para seus criadores e colaboradores uma pequena fonte de **força de vontade**. Nossos trabalhos, exclusivamente online, não pararam e não irão parar. E nem a produção de nossos colegas, já que recebemos mais de 50 contribuições de textos para a 8ª edição, além do envio de mais de 30 trabalhos de artistas para a *Capa e a seção Dupla de Artistas*. Devido a enorme quantidade e qualidade do material, decidimos dividir o conteúdo em duas edições, desse modo, a segunda parte das submissões será publicada em outubro.

A partir da observação do conteúdo que recebemos constantemente, bem como de um assunto bastante solicitado pelos nossos leitores, a presente edição - e a próxima - terão um Caderno Especial sobre a temática *Escritos de Artistas ou Experimentar a Escrita*. A publicação é constituída por seis propostas bem diferentes, como um modelo de entrevista criado por Amauri e Mônica Coster, com espaços vazios, sem nenhuma resposta, para que cada artista interessado preencha o seu. Desse modo, brincam com essa modalidade de interação, uma vez que desconhecem o sujeito que irá se autoentrevistar. Ao mesmo tempo, reforçam a condição genérica desse gênero textual, sendo possível criar fontes narrativas à partir das mesmas questões, tão comuns no campo das artes visuais.

José Lucas Dutra integra o *Caderno Especial* com um ensaio poético dividido em seis atos, como uma peça de teatro ou performance. O autor traz à cena um personagem nomeado como Richard, um alter-ego, responsável por gerar questionamentos sobre a construção da imagem e auto-imagem na contemporaneidade. Noah Mancini Mendes, por sua vez, apresenta um relato do processo que o levou a desenvolver a série de colagens manuais *Smoking (2015-2020)*, onde estabelece uma relação entre o consumo de cigarros e a estética das embalagens. Quanto à raphíssima, a artista compartilha como ela se encontra em meio da atual pandemia do Covid-19, como o mundo está doente, quais são os seus meios e como se sente. Por fim, Bárbara de Moira encerra a seção com um poema onde o medo também se faz presente, mas dessa vez a questão corresponde ao medo de se entregar, a incerteza se deve mergulhar ou permanecer na superfície. Alertamos que nenhum apresentação, breve ou profunda, dá conta da potência e poética desses escritos, portanto, convidamos a todos para ler um por um.

A arte da *Capa* da 8ª edição ficou por conta de Estefânia Young, com uma fotografia da série *NOXAÍ*, realizada no interior do Rio Grande do Sul. Em relação a seção Dupla de Artistas, apresentamos o trabalho de Maria Fernandes e Marina Novaes, sendo o bordado o ponto em comum entre as duas artistas. A primeira traz um versículo da Bíblia em linha vermelha sobre uma denúncia de violência doméstica, enquanto a segunda usa linhas coloridas para bordar sobre a fotografia de um casarão em Salvador (BA), a Mouraria 53. Todas as artistas escrevem com as imagens, experimental a linguagem, constroem narrativas, compartilham as suas singularidades.

Além do *Caderno Especial*, a 8ª edição apresenta 10 textos inéditos - artigos, ensaios e relatos, crítica de arte -, sendo a maior parte de graduandos da área de História da Arte e Artes Visuais. O primeiro texto, de Nicolau Spitale, traz uma reflexão contemporânea sobre a relação do homem com a sociedade, com a natureza e consigo próprio, bem como o pensar ecológico e político em tempos de pandemia de Covid-19. José Juliano Gadelha se dedica em seu artigo a tratar da fugitividade por meio de um atravessamento racial, estabelecendo relações entre o poético e o existencial das pretitudes, enquanto os autores Victor de Oliveira Marcelo e Raquel Mello Salimeno de Sá, por outro lado, abordam a mestiçagem na arte contemporânea, a falta de reconhecimento do pardo como uma identidade racial.



Em seguida, Manuela Leite propõe em seu artigo uma discussão sobre gênero e domesticidade, seguindo de uma análise de trabalhos de artistas-mulheres onde o doméstico se apresenta como uma questão no fazer artístico. Beatriz Garcia também se interessa pelo debate de gênero, mas a sua reflexão é direcionada a uma única artista: Ana Mendieta. Novamente aparece a questão do corpo e da identidade, contudo, dessa vez a partir da perspectiva do feminino e da América Latina. No que diz respeito ao corpo, Augusto Henrique L. da Costa escreve um artigo sobre a presença do corpo na composição da performance, o corpo como um instrumento primordial para o desenvolvimento da ação. Na primeira parte traz um arcabouço de referências visuais e teóricas, as quais contribuem para o desenvolvimento de seu próprio trabalho, apresentado na segunda parte do texto.

Tanto Emanuel de Almeida como Lorena de Paula Perassoli relatam as suas experiências na montagem da exposição *Arte, pesquisa, ação e pensamento anticolonial*, desenvolvida na disciplina Filosofia da Arte II, ministrada pela professora Mariah Rafaela Silva, na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Situação parecida ocorre com Ana Schaefer, uma vez que a artista nos relata a experiência de sua primeira performance, realizada na exposição *Tenho fome de lama*, no Orgâni.Co Atelier. A mostra foi um desdobramento da disciplina Da boca ao barro, ministrada pela Professora Mônica Coster, no Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Ainda sobre exposições, Renata Baltar apresenta uma crítica à mostra *"Vida Americana: muralistas mexicanos refazendo arte americana, 1925-1945"*, no *Whitney Museum of American Art*. A autora versa sobre o crescente interesse da instituição em trazer à público sua coleção, repensando-a a fim de abranger um conceito mais amplo do que vem a ser uma arte americana.

Com imensa felicidade também anunciamos a tradução do texto *Six Paragraphs on Dan Flavin*, de Hal Foster. O texto desse historiador de arte conhecido mundialmente, foi publicado originalmente na *Artforum*, em 2005, sendo agora traduzido por Gabriel Vieira, do inglês para o português. Assim sendo, buscamos ampliar o acesso desse escrito aos nossos leitores, tornando acessível o conteúdo em nosso idioma. Agradecemos o trabalho de Gabriel Vieira e incentivamos aos nossos leitores a manter a seção de Tradução ativa em nossas edições.

Por último, retomamos o assunto do início do texto, da atual situação em que se encontra a cultura, o nosso país e o mundo. Sentimo-nos cansados e estressados com toda essa situação, mas não vamos desistir do nosso trabalho, não é a hora de abandonar o barco. Queremos pedir aos nossos companheiros - todos os trabalhadores do campo de cultura - que permaneçam bem, na luta, vivos, saudáveis e principalmente, com **raiva**. "Raiva" de nossa própria situação, do governo, do capitalismo... Não se fazem revoluções sem esse sentimento e sem a nossa união. Estamos disponíveis para firmar nossa rede, expandir nossos horizontes, estamos aqui. Entre em contato, vamos pensar em ações e superar tudo isso juntos!

([desvio.editorial@gmail.com](mailto:desvio.editorial@gmail.com))

**E lembrem-se:  
seguimos na  
luta, sempre à  
esquerda!**

